

Rumo a uma Fenomenologia dos fatos no mundo: Breves considerações sobre o aparecer fenomenológico

José Olímpio dos Santos Neto¹

Introdução

O objetivo desta apresentação é abordar mais detidamente um aspecto essencial da fenomenologia, que é o *aparecer*. Partindo de uma citação de Paul Ricoeur: “Cabe à fenomenologia a glória de ter elevado à dignidade de ciência, mediante a “redução”, a investigação do aparecer” (Ricoeur, 2009, p.291), falaremos em primeiro lugar do aparecer em seu sentido etimológico, depois do aparecer fenomenológico — quando o relacionaremos à nossa proposta de fenomenologia dos fatos no mundo, embasada em alguns conceitos criados por Jacques Derrida —, e finalmente abordaremos outra dimensão do aparecer, o aparecer espectral. Neste trajeto de pensamento faremos uso de alguns neologismos, para ilustrar nossas ideias acerca dos momentos cruciais da nossa proposta de método fenomenológico.

O Aparecer

Etimologicamente, o que significa aparecer? O campo semântico do aparecer é bastante rico e quer dizer: começar a existir, tornar-se visível, mostrar-se, apresentar-se ao espírito, tornar-se evidente, manifestar-se, mostrar-se sob uma forma visível (sinônimo de *aparição*). Já *aparição* pode significar: ação de aparecer, de se mostrar aos olhos, manifestação — como por exemplo: a aparição de um fenômeno, a aparição do dia, o nascimento —, o fato de chegar, fazer sua aparição, visitar. Também em sentido corrente, *aparição* quer dizer: o fato de vir à existência, de se manifestar pela primeira vez, a aparição de uma nova tecnologia (ex.: uma invenção), o fato de se revelar, tornar-se manifesto, ou ainda: a manifestação de um ser invisível que se mostra de repente sob uma forma visível, ser imaginário na qual quem viu crê

¹ José Olímpio dos Santos Neto é graduado em Medicina e em Direito. Mestrado em Filosofia (2008) pela Universidade Gama Filho e Doutorado em Filosofia (2014) pela UFRJ-Universidade Federal do Rio de Janeiro. É pesquisador do Nuffc-Núcleo de Filosofia Francesa Contemporânea da UFRJ

que viu (*fantasma, espectro, retornante*). Como definição de aparecer fenomenológico citamos Natalie Depraz: “ao mesmo tempo aquilo que se dá a meu olhar e a maneira pela qual vejo como isso me é dado. Contém a ambivalência dos polos opostos do sujeito e do objeto: sinônimo de fenômeno e oposto à aparência ilusória” (Depraz, 2007, p.117).

Jacques Derrida também teve contato íntimo com a fenomenologia de Husserl, pois esteve em Louvain (sede dos Arquivos Husserl) em 1954 e teve acesso aos manuscritos inéditos, de onde colheu material para escrever sua primeira obra, *O problema da Gênese na Filosofia de Husserl*. Além de Derrida, outros filósofos prosseguiram nos caminhos da fenomenologia abertos por Husserl, como por exemplo Martin Heidegger, Jean-Paul Sartre e Jan Patocka. Apresentaremos a seguir o que esses autores têm a dizer sobre o aparecer. Todos eles partiram de Husserl e posteriormente divergiram do antigo mestre, o que é natural, já que Husserl jamais concebeu a fenomenologia como um sistema fechado, muito pelo contrário, a fenomenologia sempre possibilitou abertura para recomeços e continuações. Nesse sentido de abertura da fenomenologia, Heidegger já disse que compreender a fenomenologia é captar as suas possibilidades.

Derrida, afirmou, a respeito:

A fenomenologia tem uma muito velha tradição (...) e trata-se todas as vezes de respeitar, sob o nome de a coisa mesma, mais precisamente, o aparecer da coisa, tal como ela aparece. E já esta noção de aparecer é ao mesmo tempo simples e enigmática, de onde a tentação de simplificar. Descrever a coisa tal como ela aparece (...) deveria ser simples (...) Fenômeno (...) não designa simplesmente a realidade da coisa mas a realidade da coisa enquanto aparece, o *phainestai*, que é o aparecer no seu brilho, na sua visibilidade, da própria coisa (...) Com que me confronto enquanto a coisa me aparece? É uma operação muito delicada, é muito difícil dissociar a realidade da coisa do aparecer dessa coisa. (Derrida, 2004, p.69-70).

Heidegger, dentre os filósofos que mencionamos, foi sem dúvida o mais próximo a Husserl, pois trabalhou como seu assistente na Universidade de Freiburg de 1919 a 1923. Quando publicou *Ser e Tempo*, em 1927, a primeira edição tinha uma dedicatória ao mestre: a Edmund Husserl em testemunho de admiração e amizade. Husserl se aposenta em 1928 e indica Heidegger como seu sucessor na cátedra, contudo, decepcionado com o que considerou má compreensão da sua fenomenologia, por parte de seu discípulo, crescem as divergências entre ambos até culminar em um afastamento em 1929, que se aprofundará ainda mais com a nomeação de Heidegger para a reitoria da Universidade de Freiburg em 1933 e sua polêmica

adesão ao nazismo (não nos esqueçamos de que Husserl era judeu). Em *Ser e Tempo*, Heidegger afirma que o fenômeno é o que se mostra (ou seja, o que aparece) em si mesmo (Heidegger, 2011, p.67), os fenômenos constituem a totalidade do que está a luz do dia. Ente até pode se mostrar como aquilo que ele, em si mesmo, não é. Neste modo de mostrar-se o ente “se faz ver assim como...”. Chamamos de aparecer, parecer e aparência a esse modo de mostrar-se (p.67). Heidegger define a fenomenologia como: “deixar e fazer ver por si mesmo aquilo que se mostra, tal como se mostra a partir de si mesmo” (Heidegger, 2011, p.74). Em outras palavras, é o mesmo que o dito husserliano da necessidade de retornar às coisas mesmas! Para o filósofo alemão a tarefa da fenomenologia consiste em apreender o ser dos entes e explicar o próprio ser (Heidegger, 2011, p.66).

Na concepção heideggeriana a fenomenologia se subordina ao projeto de ontologia fundamental. A ontologia só é possível como fenomenologia, entretanto, Heidegger diverge de Husserl na forma de pensar como a fenomenologia deve ser. Segundo David Cerbone:

Se a tarefa da fenomenologia é explicar a estrutura da compreensão pré-ontológica do Dasein, então ela deve focar na atividade do Dasein, o que significa que a fenomenologia não pode proceder parentesando (colocando em parêntesis, observação minha) ou excluindo entidades. Em outras palavras, Heidegger rejeita enfaticamente a redução fenomenológica como o ponto de partida para a fenomenologia (Cerbone, 2006, p.72).

Para Sartre a fenomenologia apareceu então para “afirmar simultaneamente tanto a supremacia da razão como a realidade do mundo visível, tal como aparece a nossos sentidos” (Cerbone, 2006, p.107). Sartre conseguiu uma bolsa de estudos em Berlim nos anos de 1933 e 1934, quando estudou com Husserl. Contrariamente a Heidegger, Sartre deixou uma boa impressão, no tocante à sua fidelidade à fenomenologia. Sua principal obra, *O Ser e o Nada* tem como subtítulo *Ensaio de Ontologia Fenomenológica*. Husserl chegou a dizer que pela primeira vez se deparou com um pensador independente que demonstrou a fundo uma compreensão imediata da minha filosofia, de uma forma como nunca havia testemunhado antes. Contudo, Sartre também diverge de Husserl, com relação à concepção de ego: para Sartre o ego não está na consciência, pelo contrário, está fora, no mundo; é um ser do mundo. E já que é um ser do mundo, o ego não pode sobreviver à redução fenomenológica, um elemento constitutivo da “consciência pura” (Cerbone, 2006, p.111). Observo que Sartre é o segundo a não concordar com a teoria da redução, como Husserl a entende. Sartre em *O Ser e O Nada* relaciona as coisas,

que ele chama de existentes, com a série de aparições que se manifestam na consciência. A aparência remete à série total de aparências, e não a uma realidade oculta que drenasse para si todo o ser do existente. O ser de um existente é exatamente o que o existente aparenta, quer dizer, a sua aparência. A aparência não esconde a essência, mas a revela, logo a aparência é a própria essência. Se a transcendência do objeto se baseia na necessidade de que a aparição tem que sempre se fazer transcender, resulta que um objeto coloca, por princípio, como infinita a série de suas aparições, tantas forem as vezes que eu repetir a experiência. Enfim, a aparição tem o seu ser próprio, não é sustentada por nenhum existente diferente dela.

Patocka se considerava imbuído da missão de devolver o verdadeiro sentido da fenomenologia de Husserl, desejava, de certo modo, ser mais husserliano do que o próprio. Todavia, ele também diverge do mestre, quando rejeita a ideia husserliana da constituição dos objetos numa subjetividade transcendental. Esse subjetivismo de Husserl é o ponto da discórdia que os afasta. Patocka entendia que o objeto próprio da fenomenologia é o “aparecer”.

Em sua obra *Qu'est-ce que la phénoménologie* ele define a fenomenologia husserliana como “ciência a priori das leis essenciais da aparição do aparecendo enquanto tal” (Barbaras, 2011, p.96). Para ele a intenção originária da fenomenologia consiste em “levar ao parecer não o aparecendo, mas o aparecer, aparecer do aparecendo, que não aparece ele próprio na aparição do aparecendo” (Barbaras, 2011, p.96). A novidade da abordagem de Patocka é a distinção que ele faz da coisa que aparece (que ele denomina o aparecendo) do próprio aparecer. A partir daí a fenomenologia tem como objeto o *modo como algo aparece*, as condições de possibilidade de sua aparição, o esclarecimento de como funciona a estrutura da fenomenalidade, que evidencia a cena do mostrar-se. Renaud Barbaras, ao comentar a fenomenologia de Patocka, afirma que: “A aparição designa, então, a coisa aparecendo enquanto ela se submete às leis do aparecer, a sua inserção no tecido do aparecer, a sua vinda à cena do aparecer” (Barbaras, 2011, p.96). Barbaras prossegue e diz que toda a dificuldade da fenomenologia reside no acesso ao próprio aparecer, pois ele é escondido por aquilo que aparece: a aparição, como aparição de algo determinado, encobre o aparecer, isto é, a cena desta aparição. A dificuldade decorre do fato de a função das estruturas do aparecer residir precisamente em mostrar, deixar aparecer, apagar-se em proveito daquilo que aparece: o ser do aparecer é o mostrar, e por isso, fica escondido.

O método fenomenológico de Husserl

A fenomenologia é o estudo dos fenômenos, ou seja, do modo como os objetos do mundo se apresentam à consciência, no curso de uma relação de conhecimento do homem com relação ao mundo. Fenômeno vem do substantivo grego *phainomenon*, que significa “aquilo que aparece”, que por sua vez deriva do verbo *phainomenai*, que quer dizer “eu apareço”. Então, o que “aparece” é aquilo que se mostra à luz, o “brilhante” (*phaino*). Fenômeno quer dizer duas coisas, possui dois significados que se imbricam: é o que aparece e também é o próprio aparecer. As definições de fenômeno e de aparição privilegiam a dimensão visual, a visão “externa”, do sujeito: o mostrar-se que caracteriza o fenômeno é um ato tipicamente visual, é luminoso, surge quando há luz; contudo, temos que registrar o surgimento de uma “segunda visão”, uma “visão sem visão, no sentido ótico”: a “visão interna” da consciência, que corresponde exatamente à maneira pela qual eu vejo como isso me é dado.

A fenomenologia, portanto, é uma teoria do conhecimento, uma ciência focada no “como”, em vez de ser focada em “o quê”, logo a fenomenologia investiga *como* o fenômeno aparece, *como* as coisas aparecem, *como* abordá-las do modo correto, portanto não se valoriza tanto o que é investigado, mas *como* é investigado. O *como* se relaciona à descrição dos fenômenos, a descrevê-los mais do que explicá-los ou analisá-los. Relembramos que a fenomenologia nada mais é que o estudo do ser tal como se apresenta no próprio fenômeno. Trata-se de evidenciar o ser, de fazê-lo aparecer. O objetivo da fenomenologia husserliana é estudar o ser do modo como ele se apresenta, ou como aparece no próprio fenômeno, e Husserl ao longo de sua vida, sempre sentiu a necessidade de recomeçar suas investigações. Merleau-Ponty diz a respeito de Husserl: “O filósofo é alguém que perpetuamente começa” (Merleau-Ponty, 2011, p.11). Então, o inacabamento não deve ser encarado como um defeito ou um fracasso, mas como algo inerente à própria fenomenologia. Para David Cerbone a principal inovação metodológica de Husserl é a *redução fenomenológica*, já articulada na sua obra *Ideia da Fenomenologia*, de 1907, na qual podemos identificar a aparição com a própria experiência. A aparição se esgota pelo próprio aparecer, no sentido de que a minha experiência de um objeto percebido (ex: uma árvore) é uma só, não tenho como “girar o objeto”, no caso a árvore, na minha consciência, para todos os lados. Portanto, a redução é uma espécie de reflexão, de mudança da atenção de quem experencia. Uma citação literária para ilustrar o

processo de redução: Graciliano Ramos dizia que “É o processo que adoto: extraio dos acontecimentos algumas parcelas; o resto é bagaço”.

O principal momento do método fenomenológico husserliano é a redução, que é marcada por uma mudança profunda da relação do meu ser com o mundo, que consiste no abandono da atitude natural, ingênua, acrítica, voltada para as coisas do mundo, entendidas como objetos puros e simples, para a atitude fenomenológica, pautada pela visada da consciência para os fenômenos. Em vez dos objetos puros e simples, reais, temos os *objetos intencionais*, visados pela intencionalidade da consciência. Husserl entende que a redução só é possível se estivermos imersos na atitude fenomenológica, e para isso devemos realizar a *epoché*, que consiste em colocar o mundo em parênteses, quer dizer nos desconectamos de tudo aquilo que espontaneamente (na atitude natural) teria validade para nós. A *epoché*, esta suspensão do nosso juízo sobre o mundo, interrompe o curso natural dos nossos pensamentos habituais para motivar o que Depraz chama de “conversão do olhar”, nesse sentido a *epoché* é o gesto redutivo original. Aliás Husserl utiliza *epoché* e redução como sinônimos. A redução tem duas fases, ou dois momentos: eidética e transcendental.

Na redução eidética o foco é nos objetos, no meu ver dos objetos, e a visada da consciência se direciona e se limita aos fenômenos, ou seja, ao modo de aparecer dos objetos na consciência, se restringe aos puros fenômenos, a eliminação da existência dos objetos e a sua redução à essência. É o que denomino *ver do ver*. O fenomenólogo, neste caso, é mais um observador atento que descreve o fluxo da experiência e suas características. Pode-se descrever em linguagem mais técnica e precisa a redução eidética como uma análise intuitiva das essências da evidência perceptiva, a sua finalidade é captar o sentido elementar e definidor da essência da vivência perceptiva da subjetividade. Falamos há pouco em análise intuitiva e agora definiremos o que queremos dizer com intuição. A intuição é a visão direta de um objeto existente, que aparece, se mostra por si só, sem que seja preciso a intervenção de outros conteúdos cognitivos. A intuição fenomenológica é a apreensão imediata do que constitui a essência de um objeto. Então temos dois momentos na redução eidética: no primeiro momento os objetos aparecem à nossa percepção; no último momento, com o aparecimento das essências, temos o conseqüente desaparecimento dos objetos (é o que ocorre quando eliminamos os objetos e os reduzimos à essência). O ver dos objetos é uma experiência perceptual, com atenção direta nos objetos, é uma visão ótica, sensorial. Já o ver do ver é a

experiência da consciência, com atenção no objeto apreendido, é uma visão puramente intencional, “interiorizada”, e já idealizada.

Já a redução transcendental se caracteriza por uma mudança no foco, que se dirige desta vez para o *ato em si*, para o *processo noema-noemático*. Neste caso, além da suspensão do mundo, ocorrida na epoché, temos também a suspensão do próprio sujeito que experencia, a redução transcendental foca no processo, no ato em si: na *noese* (nas experiências estruturadas no ato), e no *noema* (na estrutura correlata dada no ato). O noema é o aspecto objetivo da experiência vivida, o objeto considerado pela reflexão em seus diversos modos de ser dado, como percebido, imaginado, recordado, etc. O noema não é a coisa, não é o objeto, é o ato, é o *conteúdo* do que é experienciado, é o processo de apreensão do objeto em seus distintos modos de doação, quando a consciência lhe atribui sentido. Ex.: o objeto da percepção da pedra é a pedra, mas o seu noema é o conjunto dos modos de ser da pedra na experiência, como pedra percebida, lembrada, escura, clara, etc. A finalidade da redução transcendental é compreender de forma universal o movimento puro intencional da consciência.

Segundo Cerbone, a redução é intencional porque possibilita pensar e responder questões sobre a possibilidade da intencionalidade da experiência. Assim como noema não é objeto, noesis não é sujeito. Noesis é um outro processo, que consiste em reunir, juntar, sintetizar os vários momentos da experiência. A noesis se confunde com a experiência, com o processo de experienciar. Noema e noesis estão unidos de forma intrincada. De acordo com Cerbone, o que a fenomenologia faz é revelar a natureza sistemática dos objetos no nível da experiência; os objetos são constituídos na consciência como sistemas de apresentações adumbrativas, que são modos de apresentações (sempre parciais) de objetos na consciência. Husserl denomina “síntese de identificação” a unificação dos momentos adumbrativos da experiência (ex.: a união de diversos momentos da apreensão de um dado, na primeira percepção vejo o lado 2, na segunda vejo o lado 3, na terceira vejo entre os lados 4 e 5, etc.). Então, de certo modo podemos dizer que a redução transcendental é um desdobramento e um aprofundamento da redução eidética, é o que denomino *ver do ver do ver*, consequência da maior internalização do processo redutivo na consciência.

Finalmente, como o objetivo último da fenomenologia é o conhecimento verdadeiro, podemos definir *conhecer* como uma operação imanente na qual a consciência de um sujeito representa um objeto a si e torna um objeto pensado presente à sua imaginação, o presentifica, portanto, é o ato de sentir, perceber, imaginar ou pensar um objeto. Já o *conhecimento* é a

representação que a consciência do sujeito faz a si mesma de um objeto, é o próprio objeto tornado realidade psíquica, na imanência do sujeito que experencia.

Por uma fenomenologia dos fatos

Pretendemos partir da fenomenologia de Husserl para investigar a viabilidade de uma nova proposta de fenomenologia e seus possíveis limites. Partimos provisoriamente da premissa de que um método filosófico, no caso, o método fenomenológico, é um caminho para se conhecer a verdade, e que, enquanto tal, pode ser aplicado em vários contextos (premissa a ser posteriormente reavaliada).

Nossa proposta de estudo do *aparecer* se insere no escopo de uma pesquisa, que denominamos provisoriamente como *fenomenologia dos fatos no mundo*: neste caso a intencionalidade da consciência se direciona para fatos no mundo (fatos de natureza política), ao invés de se voltar para objetos. Ressaltamos que a finalidade do método fenomenológico é atingir a verdade, ao final do processo, no estágio último que denominamos de conhecimento. Como reconhecemos que não é possível apreender as coisas diretamente, entendemos necessária a existência de uma instância de mediação. Mas por que é impossível ter acesso às coisas mesmas? Carlos Alberto Ribeiro de Moura explica que

quando percebemos um objeto, ele sempre nos é dado segundo uma determinada perspectiva, segundo um certo modo de doação ou fenômeno. Podemos variar nossas perspectivas sobre esse objeto, mas ele sempre nos será dado segundo um ou outro modo subjetivo de doação. Nós nunca temos acesso à “coisa mesma”, se entendermos por isso um ser sem perspectivas subjacente a esse ser que nos é dado por perspectivas (Husserl, 2006, p.21).

É a consciência que faz a mediação entre sujeito e coisas no mundo, mas o faz influenciada pela *mídia*, no processo que denominamos *midiação*. A midiação interfere em todo o processo fenomenológico, ao longo de toda a sua via, ou seja, interfere tanto na *epoché* como na redução. Existem dois momentos de redução, e neste caso entram em cena dois conceitos de Derrida, que são *actvirtualidade*, a primeira redução, e *artefactualidade*, a segunda redução.

Neste momento iremos mostrar como a filosofia derridiana se correlaciona com a nossa proposta de fenomenologia. Derrida sempre reconheceu sua “herança” husserliana, para ele, o mestre o ensinou a fenomenologia, que é uma técnica, um método, uma disciplina, e

mesmo quando questionou Husserl, o fez de “dentro” da fenomenologia, o que demonstra sua fidelidade a esse método. Derrida também reconhece a fenomenologia “como fonte que alimenta a desconstrução, pois permite desfazer as sedimentações especulativas e teóricas, as pressuposições filosóficas” (Derrida, 2004, p.73). A desconstrução é simultaneamente um gesto fenomenológico e anti-fenomenológico. Fenomenológico porque permite a emancipação ou a libertação de pressuposições especulativas teóricas de uma certa herança, e anti-fenomenológico por ser uma tentativa de detectar no edifício das teses filosóficas da fenomenologia algumas dessas pressuposições. No que tange às relações entre o aparecer e a redução, Derrida afirma que:

Uma coisa aparece-me, a coisa é aparente, o fenomenólogo descreverá, por meio de uma operação de redução, esta camada do aparecer, quer dizer não a coisa (percebida), mas o ser-percebido da coisa, a percepção (...) por outras palavras o fenômeno para mim, de onde a ligação da fenomenologia com a consciência, com o ego, o “para mim” da coisa. Para descolar esta película do aparecer e o distinguir ao mesmo tempo da realidade da coisa e do tecido psicológico da minha experiência, a operação é extremamente sutil (Derrida, 2004, p.70).

Partindo da redução husserliana chegamos à nossa proposta de redução fenomenológica, com duas fases: a primeira é a **actuvirtualidade**, misto de atual, artificial e virtual. Significa que os fatos que intencionamos não são originados, digamos, espontaneamente, mas são fabricados pela mídia, daí seu caráter artificial. Aqui virtual também significa o que existe como potencialidade, anterior à visada da consciência. Então, esses fatos intencionados podem passar, em tese, de mera potencialidade para a “realidade” ao final das reduções, ou seja, se tornarem presentes e atuais na consciência. Diz Derrida, sobre a actuvirtualidade: “Ela não é dada mas ativamente produzida, interpretada performativamente por numerosos dispositivos artificiais, hierarquizantes e seletivos, sempre ao serviço de forças e interesses que os “sujeitos” e seus agentes (...) não perceberiam jamais bastante” (Derrida, 1996, p.11). Os fatos são veiculados virtualmente pelas tele-tecnologias de comunicação midiáticas e são artificializados (produzidos artificialmente e transmitidos de modo também artificial pelas imagens, áudios, etc.). A dimensão virtual dos fatos afeta e transtorna o tempo e o espaço, já que um fato que ocorreu há bastante tempo, por exemplo, quando só nos chega agora, parece acontecer agora, só nos *aparece* agora. Na actuvirtualidade a consciência se limita

aos fenômenos, ou seja, ao modo de aparecer dos fatos intencionados na consciência. O foco neste momento é nos fatos, no meu *ver dos fatos*.

A segunda e última redução é a **artefactualidade**: misto de artificial, factual e atual. Neste caso enfatizaremos o próprio processo de experienciar, o processo noema-noemático. A artefactualidade é artificial e manipuladora., já que a atualidade — que não se confunde com o presente — é produzida pela mídia, que seleciona de antemão os fatos, submetendo-os a uma triagem. As escolhas dos fatos que serão veiculados na mídia nunca serão neutras, e o artificial, o *artifício* reside justamente na dissimulação dessa seletividade. Esses artifícios são controlados por instâncias privadas (concessionárias de televisão, que é uma concessão pública), o que nos coloca a questão dos interesses do mercado, e de interesses puramente econômicos na veiculação das notícias, na sua repercussão e nos efeitos que irão produzir, e na consequente manipulação da opinião pública. Derrida afirma que não existe verdadeira atualidade, no sentido do que é atual (atual é o que ocorre no tempo presente, é o que tem existência real e efetiva, ou seja, caracteriza-se pela presença e pela existência no tempo), ou do que se difunde como atual nas rádios e televisões devido à filtragem do conjunto de uma grande quantidade de ocorrências, dos fatos que tem que constituir a atualidade. Diz Derrida: “Esta triagem interpretativa não se limita às mídias ou à informação. Ela se impõe desde o início de toda percepção ou toda experiência concluída em geral” (Derrida, 1996, p.52). Neste caso, a artefactualidade foca no ato da consciência de experienciar os fatos, e temos neste ato a suspensão do próprio sujeito que experencia, a experiência se dá, por assim dizer, “em piloto automático”. Poderemos, para efeito de clarificação, e para facilitar o entendimento, substituir “fato” por “notícia”. Na artefactualidade temos a atenção voltada para o conteúdo da experiência, para a apreensão da notícia em seus vários modos de doação, ou seja, em suas diversas facetas e ângulos, quando a consciência paulatinamente lhe dá sentido, e ao final do processo a consciência sintetiza os vários momentos da experiência de apreensão da notícia, temos, em conclusão, o resultado da experiência: o conhecimento, que é a representação, a leitura final que a consciência faz a si mesma da notícia, é a própria notícia apreendida, filtrada, processada, ressignificada, enfim tornada realidade psíquica na imanência consciente do sujeito que experencia.

Recorreremos a alguns neologismos como conceitos para ilustrar melhor tudo o que se relaciona com o aparecer. Temos de início o que denominamos apareceres, que são o aparecer fenomenológico e o aparecer spectral. Os aparesseres são o aparessente e a aparessência: o

aparecente é o ser que aparece ao final do processo de redução fenomenológica, já a aparecência é a aparição das essências na redução eidética. Todos os neologismos que apresentamos até aqui foram em sentido positivo. Outro neologismo, desta vez em sentido negativo, é o a-parecer, que tem o sentido de aparência ilusória, alucinação, erro de percepção e assimilação, desvio, seria o que Husserl chamou de *explosão do noema*, ou seja, ocorre quando há uma interrupção na série de possibilidades infinitas de objetos na consciência, o que termina por negar as experiências anteriores deles.

Pensamos o aparecer espectral a partir de textos como *Échographies de la télévision* e *Penser em não ver*. Nestes textos Derrida tece algumas considerações sobre as teletecnologias midiáticas. Derrida entende que algumas teletecnologias como a televisão, o cinema e o telefone, por exemplo, têm o poder de aprofundar, de acentuar a nossa experiência com os fantasmas, ou espectros. Mas o que torna estas tecnologias espectrais? Três características: a reprodutibilidade, a retornância e a crença. Derrida liga a espectralidade ao fato da primeira percepção de uma imagem, no caso da televisão ou do cinema, ou de um som, no caso do telefone, estar ligada a uma estrutura que permite a reprodução. Depois que são gravadas, a imagem e a voz podem ser reproduzidas indefinidamente, o que também transtorna as relações entre tempo e espaço pois a reprodução vai além delas. Ver um filme com uma atriz que já morreu, como aconteceu com Derrida, no caso do filme *Ghost Dance*, é um exemplo. Derrida participou deste filme de 1983 interpretando um professor de filosofia, e contracenou com uma atriz chamada Pascale Ogier, que lhe pergunta se ele acredita em fantasmas. Pouco depois do filme, a atriz morreu e Derrida teve a experiência de se (re)ver na tela, com o espectro de Pascale, possibilitado pela reprodutibilidade técnica do cinema. Outra característica é a retornância: além do exemplo de *Ghost Dance*, Derrida menciona a voz ao telefone, que se for gravada por uma secretária eletrônica tem aparência fantasmática, não é nem real nem irreal, retorna porque pode ser reproduzida. A terceira característica é a crença: as teletecnologias operam dentro de um sistema de crença, por exemplo, no cinema Derrida diz que “cremos sem crer, mas esse crer sem crer permanece um crer”. Basta pensar um telejornal qualquer, como o *Jornal Nacional*, para ilustrar o que digo aqui.

Outro limite importante da fenomenologia nos é relatado por Robert Sokolowski, na sua obra *Introdução à Fenomenologia*: “Uma das grandes deficiências do movimento fenomenológico é sua total carência de qualquer filosofia política. Essa é claramente uma área na qual um suplemento é necessário” (Sokolowski, 2004, p.237). Portanto, pretendemos

explorar o viés político dessa nossa proposta de pensar a fenomenologia, a partir do proto-conceito de *mediação*, que revela uma interferência técnica no processo de conhecimento do mundo, motivado pelas teletecnologias, que são um integrante a mais no tradicional método fenomenológico que integra sujeito, mundo e objeto. Além da interferência da mídia na redução, entendemos que também há interferência da mídia na própria epoché, pois esta interferência impede ou no mínimo dificulta o desligamento do mundo, a suspensão do nosso juízo, pois os fatos que serão objetos de nossa apreensão já foram ressignificados pela mídia, e isso, esta interferência da mídia na pureza da atitude natural, dá um exemplo da abrangência que denominamos mediação.

A mediação, portanto, falseia a realidade e deturpa o próprio sentido da fenomenologia, que é a busca da verdade. Ao final do processo de conhecimento, após a interferência ativa da mídia nas reduções, deixamos de ter a verdade e surge algo como uma pós-verdade espectral, que revela a construção de uma “realidade pela mídia, e que por ser reproduzível, retornante e crível é espectral, um espectro que passará a nos assombrar.

Referências bibliográficas

- BARBARAS, R. (2011). *Investigações Fenomenológicas*. Curitiba: Editora UFPR.
- CERBONE, D. (2006). *Fenomenologia*. Petrópolis: Vozes.
- DEPRAZ, N. (2007). *Compreender Husserl*. Petrópolis: Vozes.
- DERRIDA, J. (1996). *Échographies de la télévision*. Paris: Galilée.
- DERRIDA, J. (2012). *Pensar em não ver*. Florianópolis: Editora UFSC.
- DERRIDA, J. (2004). *Sob Palavra*. Lisboa: Editora Fim de Século.
- HEIDEGGER, M. (2011). *Ser e Tempo*. Petrópolis: Vozes.
- HUSSERL, E. (2006). *Ideias para uma fenomenologia pura*. Aparecida: Editora Ideias & Letras.
- MERLEAU-PONTY, M. (2011). *Fenomenologia da Percepção*. São Paulo: Editora Martins Fontes.
- RICOUER, P. (2009). *Na escola da Fenomenologia*. Petrópolis: Vozes.
- SOKOLOWSKY, R. (2004). *Introdução à Fenomenologia*. São Paulo: Edições Loyola.